

# Resumos comentados

Celeste Ribeiro de Souza

A obra de Alfred Reitz é multitemática. Poderíamos dizer que provém de suas observações minudentes do entorno específico a envolver o cotidiano do processo de colonização do sul do Brasil por imigrantes de língua alemã. Tece, desse modo, fios que passam a constituir tecidos da microhistória dessa colonização. Não se esquivando jamais às informações de cunho didático, quando não moral, reproduz, recriando atmosferas locais, casos pitorescos muito provavelmente ocorridos, com os quais os leitores dos "anuários" haveriam de se identificar e de se entreter durante as longas noites de isolamento a que estavam submetidos à época.

*Die Wette* (A aposta) é um pequeno texto composto por um narrador onisciente que, usando a 3ª pessoa do singular, o discurso indireto livre, diálogos ou o discurso indireto, aproveita a narração de uma singela história de amores entre jovens para deixar registrado para a posteridade um pouco das circunstâncias que permearam a colonização do sul do Brasil por colonos de língua alemã e também por caboclos, nome dado aos portugueses emigrados dos Açores e seus descendentes que, designados por essa palavra, encontram-se sempre em posições subalternas.

*Die Wette* começa com o provérbio "Der Mensch denkt, Gott lenkt" ("o homem pensa, Deus conduz" que, corresponde aos adágios portugueses "o homem põe e Deus dispõe" ou "Deus escreve direito por linhas tortas", que o autor, no entanto, logo parodia ao adaptá-lo ao jeito brasileiro, como ele mesmo diz, acrescentando-lhe "die Schwiegermutter macht alles zunichte" (a sogra desfaz tudo). O provérbio brasileiro, segundo Alfred Reitz, ficaria então assim: "Der Mensch denkt, Gott lenkt, die Schwiegermutter macht alles zunichte" (o homem põe, Deus dispõe e a sogra contrapõe), o que faz pensar que a má fama das sogras só grassa por estas paragens, o que não é verdade. Realmente, o escritor reconhece logo em seguida que, nem sempre, é assim, retirando a sabedoria popular ao que seria um provérbio brasileiro, porque o caso que passa a expor, não envolve nenhuma sogra.

A história inicia-se com a demarcação do lugar em que a trama se desenrola, um local onde há 30 anos, fora construída "a" estrada, que haveria de abrir o acesso às imensas terras do sul. Esta estrada cortava as terras de Matthias Schreiner, o Matz, e mais outras três colônias de gente falante do idioma alemão, um local, onde, além disso, 3 picadas se encontravam. Reparando no estratégico entrecruzamento de veredas, Matz parou de lamentar a perda de terras e percebeu que ali podia abrir uma praça. Assim o fez e, logo em seguida, mandou transformar duas de suas colônias em lotes destinados à construção de casas, e à formação de chácaras, doou terra para a edificação de uma capela e para a constituição de um cemitério, e abriu uma venda. Com o tempo, apareceram uma escola e uma casa para o professor, e o estabelecimento de um ferreiro. Chamou o lugar de Bom-Retiro. Entretanto, os demais colonos o chamavam de "Dreckloch" (Buraco do lixo), por causa dos inúmeros buracos surgidos na estrada, em que os carros de boi se atolavam no inverno. Matz envelheceu e o lugar pouco ou nada mais progrediu. Se, por um lado, a perda de tanto o dinheiro o deixava de mau humor, por outro lado, a venda fazia bons negócios. A imagem que dele se fazia, variava conforme os donos dos débitos anotados na sua caderneta. Ali se juntava a gente velha e a nova aos domingos

para jogar e também para cantar. E, pelas conversas entre os colonos, é possível observar a marcha lenta da assimilação, ou da intromissão, do idioma português na língua alemã. Diziam alguns: "Heh, *compadre*, was habt Ihr da?" (oh compadre, o que tem aí?) ou "heute wird ein richtiges *jogo* gemacht" (hoje vai haver um bom jogo) ou "zwanzigmilschein" (nota de 20 mil) ou "*barbaridade*, ist das heute ein *calor*" (barbaridade, que calor hoje).

Depois de configurado o lugar da narrativa, a personagem principal é apresentada: Peter Schrumm, de cabelos louro-palha e com fama de bobão, um dos freqüentadores da venda aos domingos. Durante 4 semanas, no entanto, deixa de ser visto, e fica-se sabendo que está tentando namorar Berta. Mas o caso não dá certo, e isto transparece no momento em que volta à venda, num certo domingo, sem indícios de estar namorando. Porém, é neste preciso dia que, ao olhar pela janela, vê passar na rua três moças - as gêmeas de Metz e Hilde Meinhoff, a filha do mestre-escola. Ao ver Hilde, que é versada na arte da costura, encanta-se pela moça e, impulsivamente, resolve apostar 2 caixas de cerveja na sua capacidade de, em 4 semanas, conquistá-la e "roubá-la" a Albert Willtgen. Ninguém o leva sério, a não ser Reinhold Junke que lhe responde à aposta.

Ora, Reinhold Junke estava noivo da irmã de Albert e logo conta a este da aposta que tinha feito com o outro.

Herbert Meinhoff, o mestre-escola, assumira há 30 anos a instrução da comunidade de imigrantes. Ao que parece constituiu família regularmente, sem sobressaltos, e, depois de 15 anos de profissão, conseguiu adquirir sua própria colônia, onde construiu uma casa, não sem ter também trabalhado duro juntamente com a família numa roça que Matz generosamente lhe cedera. Das colheitas tirara o sustento e das mensalidades que recebera dos pais das crianças em idade escolar, fora pagando as prestações de suas futuras terras. Dos filhos, 2 haviam aprendido uma profissão, outros dois tinham se dedicado ao comércio, e a filha aprendera costura. Mas, a certa altura, a surdez obrigara-o a abandonar a profissão de mestre-escola, pelo que passara a dedicar-se apenas à colônia. O hobby desta sua filha única - Hilde - era ler debaixo do plátano no quintal. É ali que Peter vai encontrá-la para com ela tentar entabular uma conversa. Dirige-se à moça numa mistura de alemão dialetal (Plattdeutsch) com alemão culto (Hochdeutsch) e palavras da língua portuguesa, e a moça pergunta-lhe se ele não quer conversar na língua vernácula, intimidando-o com os seus conhecimentos. O narrador explica que, entre os colonos mais jovens, que tinham freqüentado pouco a escola, porque tinham de trabalhar, ou que tinham tido professores pouco competentes, sempre que se viam diante de pessoas que dominavam o alemão culto, era costume, para não se sentirem envergonhados, preferirem se expressar em português, embora também não dominassem esta língua. O certo é que o diálogo incipiente entre Peter e Hilde esbarra não só nas dificuldades lingüísticas, mas também na falta de sorte. Ao perguntar a Peter o que ele desejava ali, este respondera que trazia de seu pai a incumbência de pedir ao mestre-escola a escritura de uma carta relativa à venda de terras que seu progenitor possuía no Uruguai. Como o mestre-escola estava em casa, Peter logo foi convidado a entrar e a tratar do assunto.

Entretanto, Albert decidira visitar Hilde e, pela janela, Peter pode observar como os dois se tratam com intimidade. Ao término da incumbência, vai-se embora sem conseguir conversar com Hilde mas, em contrapartida, repara que Berta e o pai se aproximam, pois Berta irá ter aulas particulares em troca de serviços domésticos. Ao ver Berta, a comparação entre as 2 moças é inevitável e Peter descobre que Berta é a mulher que lhe convém. Resolve, assim, procurar Berta e colocar as coisas no seu devido lugar e acaba por ficar noivo dela. Por sua vez, a aposta fez com que Albert também apressasse o seu noivado com Hilde. E as caixas de cerveja, com a concordância dos envolvidos, ficaram

para ser tomadas no casamento de Peter. A sabedoria popular contida no provérbio alemão "der Mensch denkt, Gott lenkt" é confirmada através desta historieta.

*Eine schmerzhaft Heiratserlaubnis* (Uma dolorosa permissão de casamento) é uma história de Romeu e Julieta na colônia (que remete, para além de Shakespeare, a *Romeo und Julia auf dem Dorf* - Romeu e Júlia na aldeia - título de obra de Gottfried Keller) com final feliz. Nesta narrativa, tal como em *A aposta*, o narrador, é igualmente onisciente, mas agora também interage na trama como personagem. A história começa *in medias res* com um casal de jovens diante do juiz distrital que é o próprio narrador, atuando como testemunha do caso. O par encontra-se na "Veranda" à entrada do recinto que serve como gabinete do juiz. O rapaz aparenta uns 20 anos e chama-se Franz Brunner; a moça não tem mais que 17 e atende pelo nome de Tilda (Matthilda) Drewes. Haviam sido ali trazidos pelo pai de Brunner para serem casados. Não é que os dois não quisessem se casar, ao contrário, estavam apaixonadíssimos e, pelo que se sabe do fim da história, ela já estaria grávida a esta altura, mas como ela era menor de idade e era órfã de pai, precisava do consentimento da mãe. Ora, esta mãe, que não domina a língua portuguesa do Brasil, uma mulher teimosa da Pomerânia, viúva, não permitia de modo nenhum o namoro entre os dois. Havia por detrás desta atitude rancorosa uma outra história passada, que datava do começo do estabelecimento de sua colônia, por causa de desavenças com os vizinhos, ou seja, os pais do rapaz. Conta o narrador que tudo havia se desencadeado por causa de um porco que saía das fronteiras de sua propriedade para ir devorar a plantação de batatas do vizinho que, ao ver a cena, atira no porco, matando-o. Mais tarde, para incendiar ainda mais o ódio existente entre os vizinhos (um ódio comparado àquele entre os Montáquio e os Capuleto), uma vaca havia cometido a mesma infração e, ao ser afugentada com pedras, caíra, quebrara uma perna e tivera de ser sacrificada. Depois disto, os vizinhos não se falavam mais e, quando ocorria terem de se cruzar, voltavam a cara uns aos outros. Por isso, não cabia no mundo da sra. Dewes um casamento entre uma filha sua e um filho do vizinho.

Por causa desta proibição acerba, os dois jovens haviam resolvido fugir. Uma bela noite, ao ouvir o sinal de Brunner, que idilicamente imita o canto do "quero-quero", Tilda pula a janela e segue-o até a floresta, onde ficam escondidos 3 dias no oco de uma árvore. Sem saída, retornam para a casa do pai do rapaz que, depois de uma discussão, os leva até o juiz.

Entretanto, o falatório na colônia chega aos ouvidos da mãe da moça, fazendo-a saber onde a filha se encontra, pelo que se dirige ao delegado de polícia, exigindo que Brunner seja processado e preso por seqüestro, ao que o delegado replica que se fosse prender todos os jovens que fogem para namorar não haveria prisões suficientes para recebê-los. Não conseguindo resolver a situação, a mãe apela para o juiz. O juiz diante de um caso assim, consulta o Código Civil para ver onde pode encaixá-lo para lhe dar uma solução legal, mas ao fazê-lo percebe que são tantas as dificuldades e tão numerosos quanto onerosos os trâmites, incluindo viagens (3 dias a cavalo por picadas) à comarca da vila mais próxima que, definitivamente, opta pela alternativa da permissão materna. Para isso, mune-se de todos os argumentos cabíveis, incluindo aí os de índole religiosa com citações da Bíblia, e nada! A mulher de feroz teimosia só começa a ceder, quando o juiz alude à sua vida futura, quando estiver velha e só, precisando de cuidados. Ainda assim, exige o cumprimento de uma condição: surrar a filha, por conta da fuga. Esta surra é aceita e aplicada, recusando-a a filha, por seu lado, a pedir desculpas à mãe. Cumprido o trato, duas horas depois, os dois estão casados diante da lei, para alívio de todos.

Um ano mais tarde este mesmo juiz/narrador, no cumprimento de uma tarefa profissional, passa por acaso por uma propriedade coberta por uma seara de milho em flor, em cujo portal reconhece a Tilda com uma criança de 6 meses nos braços, sorrindo-lhe feliz. Franz Brunner está ausente, pois fora buscar a vaca recém-comprada para a colônia que estavam construindo, onde já havia uma casa, um pomar, porcos e ovelhas. A inimizade familiar acabara. A mãe havia adoecido gravemente e fora Tilda quem ficara dia e noite à sua cabeceira, o que suavizara o coração materno, levando-o a perdoar-lhe. Um seu filho e, portanto, um irmão de Tilda estava inclusive noivo de uma irmã do marido. “Tudo fica bem, quando acaba bem” (Ende gut, alles gut) constitui a chave da história.

*Wie Klaus Krott zu seiner Stanz kam* (Como Klaus Krott conseguiu sua estância) é talvez a narrativa em que Alfred Reitz oferece mais informações sobre a colonização do sul do Brasil, em meio a uma indispensável história de amor e de afinidades/diferenças culturais. O conto tem início num clímax: um subdelegado de polícia e um oficial de justiça estão à espera do protagonista - o alemão Klaus Krott. Foram encarregados

de entregar a Krott uma intimação provisória emitida pelo juiz da comarca. Inquieto, Krott segurou o papel nas mãos. Não se lembrava de nenhum ato que pudesse resultar em alguma ação por parte da justiça. Entretanto, seu conhecimento da língua portuguesa era suficiente para entender o conteúdo do documento. A intimação do juiz dizia que deveria interromper de imediato a medição das terras, sob pena de represálias violentas. Krott era de opinião, que o escrito estava endereçado à pessoa errada. Responsável seria a Empresa Colonizadora Mundo Novo, em nome da qual procedia à marcação das terras. O oficial de justiça recusou-se a receber de volta a intimação; ao contrário, colocou no nariz de Krott um papel em que este, com sua assinatura, deveria reconhecer ter recebido o documento Querendo ou não, nada mais restou a Krott do que colocar seu nome em baixo do texto escrito. E, agora, ele também ficara a par do que havia ocorrido. A Empresa Colonizadora Novo Mundo não passava de um embuste, organizado por alguns “grileiros” muito astuciosos.<sup>1</sup>

A par do desdobramento da história de Krott, o narrador não se esquiva jamais a explicar e a ensinar seus leitores de língua alemã no Brasil a cultura do país de adoção. Assim, segue-se o esclarecimento do que se deve entender por "grileiros", já que a palavra não é traduzida, por simplesmente não haver um equivalente alemão para ela. Klaus Krott, que tem direito no texto a voz própria, vê-se, assim, também enganado:

---

<sup>1</sup> - ... Krott eine einstweilige Verfügung des Kommarkrichters auszuhändigen. Unruhig hielt Krott das Amtschreiben in den Händen. Er war sich keiner Handlung bewußt, die ihn mit dem Gericht in Berührung hätte bringen können. Immerhin waren seine Kenntnisse der brasilianischen Sprache derart, um den Inhalt des Schreibens zu verstehen. Die einstweilige Verfügung des Amtrichters besagte, daß er sofort, unter Androhung von Gewaltmitteln, die Vermessung der Ländereien einzustellen habe. Krott war der Meinung, daß dieses Schreiben an die falsche Adresse gerichtet sei. Zuständig sei dafür die Empreza Colonizadora Mundo Novo, in deren Auftrage er die Vermessung ausführe. Der Gerichtsofficial weigerte sich, das Amtschreiben zurückzunehmen; er hielt dagegen Krott ein Formular unter die Nase, in dem dieser durch seine Unterschrift den Empfang der einstweiligen Verfügung bescheinigen sollte. Wohl oder übel, Krott blieb nichts weiter übrig als seinen Namen unter den bereits vorgeschriebenen Text zu setzen. Nun erfuhr er auch den Hergang. Die Empreza Colonizadora Mundo Novo war nichts weiter als ein Schwindel, den einige ganz gerissene “grillos” ins Werk gesetzt hatten. In: *Rotermund Kalender*, São Leopoldo, Rotermund Verlag, 1939, p. 1.

ainda não havia recebido nada por seu trabalho de agrimensor: já tinha demarcado 400 colônias num total de 2.000 hectares. E, por isso, também não pagara nem a seus auxiliares, nem tampouco ao dono da venda.

O sonho de ser senhor de terras e de criar gado, o sonho que o trouxera ao Brasil, tinha ruído como um castelo de areia. É neste ponto de tensão que, entretanto, se abre em *flash back* a trajetória passada do protagonista: havia sido ex-voluntário de guerra, não tinha, porém, formação profissional que lhe assegurasse a subsistência na Alemanha. Ao chegar ao Brasil tinha ido parar num grupo de agrimensores, onde passou a trabalhar como cozinheiro. Foi ali que aprendeu o ofício. Juntou dinheiro, economizando o máximo que podia, e comprou as próprias ferramentas, sendo este o primeiro trabalho que realizava como autônomo. Mesmo tendo oferecido o trabalho já realizado ao verdadeiro dono das terras, não adiantou, porque este não aceitou a proposta. Krott ficou numa situação insustentável. Porém, certo dia, ouviu o dono da pensão, onde se encontrava hospedado, comentar que a fábrica de açúcar estava admitindo gente e também se lembrou das palavras do subdelegado Salvador Leite Vieira, para procurá-lo em caso de necessidade. Na conversa que tem com ele, fica sabendo da sua história, o que permite ao narrador expor o *modus vivendi* dos caboclos (imigrantes portugueses oriundos dos Açores e seus descendentes) e estabelece uma outra linha de ação ativada por outras personagens. Assim, Krott fica sabendo que o subdelegado é casado com uma Monteiro,

uma família hoje ramificada até o Uruguai, cujos tataravôs tinham imigrado há mais de cem anos dos Açores. Ainda assim, constituíam somente cerca de trinta famílias. Muitos jovens haviam tombado na guerra assassina do Paraguai. Os Monteiro sozinhos haviam fornecido um grupo montado, e só três tinham voltado. Tinham pago à pátria um tributo de sangue que não poderia ser maior. Enquanto o sogro vivera, tudo entre os Monteiro tinha sido tratado de acordo com os velhos usos e costumes. Os tempos árduos tinham conduzido à posse comum da terra, dos rebanhos e do dinheiro, a uma espécie de comunismo de clã. O mais velho era sempre o chefe da família. Mas, desde que seu sogro havia falecido, fazia dois anos, só havia discussões e brigas. Seu cunhado Luiz não possuía a energia do velho Chico, que havia dirigido as famílias com pulso de ferro, não admitindo contradições. Há cerca de meio ano, ele havia estado lá e acompanhado a situação. Os rebanhos haviam sido divididos, não existia mais a caixa comum, cada família trabalhava para si. Mas o pior problema era o pasto, onde cada família queria o melhor pedaço. E, no entanto, a terra nunca tinha sido medida. Nenhuma das famílias podia provar que tinha direito às terras que cobiçava para si. Existiam, de fato, títulos de concessão sobre 10 milhas quadradas de terra, também reconhecidos pelo governo, mas entre os irmãos as condições de proprietários estavam no ar. A única forma de pôr fim a esta confusão era medir e dividir a terra entre as famílias. Se continuasse assim, um dia, teriam sangue derramado, algumas vezes, já haviam chegado perto disso.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> - Heute eine bis nach Uruguay weitverzweigte Familie, deren Ur-Ureltern vor mehr als hundert Jahren von den Azoren eingewandert sind. Trotzdem zählten sie nur noch an die dreißig Familien. Viele Jungen waren in dem mörderischen Paraguaykriege gefallen. Die Monteiros allein hatten einen berittenen Zug gestellt, und nur drei von ihnen waren zurückgekehrt. Sie hatten dem Vaterland einen Blutzoll bezahlt wie er kaum größer gebracht werden konnte.

Klaus Krott poderia fazer esse trabalho, e como não tivessem dinheiro suficiente para lhe pagar, estabeleceram que, em troca das medições, ficaria com um lote de terra lá em Cochila de Sant'Ana. Acordo firmado, para lá se dirigiram os dois e, nessa viagem, Krott vem a descobrir outros horizontes.

No segundo dia de viagem, a paisagem modificou-se. Krott havia conhecido até agora só a floresta e a região das colônias. Seu caminho ainda não o havia levado à campanha, à zona dos campos. A selva tornava-se mais rala, interrompida por gramíneas maiores ou menores. A paisagem assumia mais e mais o caráter de savana e, com ela, sobrevinha a monotonia. A diversidade da colônia, com as casas dos colonos entre as plantações de laranjeiras, com os poteiros cercados de arame farpado, habitados por gado manso e bem tratado, plantações de milho e mandioca, foi substituída por terras de pastagem, que se estendiam ao infinito, alternando-se com cadeias de montanhas, as cochilhas, que se elevavam com suavidade. Nessa imensidão sem fim, somem as casas sóbrias de pedra, quase sempre à beira de um riacho, uma mancha branca no cinza esverdeado. Figueiras de galhos largos abraçam as casas como gigantes protetores.<sup>3</sup>

Seguem-se as informações sobre a vida na campanha (tipo de paisagem típico do Rio Grande do Sul) e, depois disso, sobre a vida dos Monteiro. É ali, entre pelas morenas e olhos escuros, que Krott encontra uma loira de olhos azuis, filha de colonos alemães falecidos, que fora amparada e criada pelos açorianos, comprometidos a lhe restituir os bens depois da maioridade. É neste ponto que se inicia a história de amor, pois esta moça, de nome Inês, recusa o pretendente do clã dos Monteiro para ficar com Krott,

---

Solange sein Schwiegervater gelebt habe, sei bei den Monteiros alles nach altem Herkommen und Brauch gehandhabt worden. Die schwere Zeit des Anfangs hatte sie zu gemeinsamen Landbesitz, gemeinsamen Herden und gemeinsamer Kasse geführt, eine Art Sippenkommunismus. Der Aelteste sei immer das Oberhaupt der Familie gewesen. Aber seitdem sein Schwiegervater gestorben sei, es sei zwei Jahre her, gäbe es nichts als Zank und Streit. Sein Schwager Luiz besäße nicht die Energie des alten Chico, der mit eiserner Faust die Familien regiert und keinen Widerspruch geduldet habe. Es stimme schon, es sei leichter ein Land, als eine groß Familie zu regieren. Vor einem halben Jahre sei er unten gewesen und habe sich die Geschichte mal angesehen. Die Viehherden seien aufgeteilt, die gemeinsame Kasse bestände nicht mehr; jede Familie arbeitete für sich. Das Schlimmste aber sei der ewige Streit wegen der Viehweide, von der jede Familie die besten Stücke für sich beanspruche. Und dabei sei das Land nie vermessen worden. Keine Familie könnte beweisen, daß sie auf die Stücke, auf die sie erpicht sei, Anspruch erheben könne. Wohl sei ein Konzessionstitel über zehn Quadratmeilen Land vorhanden, auch von der Regierung anerkannt, aber unter den Familien schwebten die Besitzverhältnisse völlig in der Luft. Die einzige Möglichkeit, diesen Wirrwarr zu beenden, sei die Vermessung und Aufteilung des Landes unter die Familien. Wenn es so weiterginge, würde es eines Tages noch zu Blutvergießen kommen; ein paarmal sei es schon nahe dabei gewesen. Id. *ibid.*, p. 4.

<sup>3</sup> - Am zweiten Reisetag veränderte sich das Bild der Landschaft. Krott hatte bisher nur die Wald- und die Koloniezone kennen gelernt. In die Campanha, die Kampzone, hatte ihn sein Weg noch nicht geführt. Spärlicher wurde der Wald, von mehr oder minder großen Grammatas unterbrochen. Mehr und mehr nahm die Landschaft Savannencharakter an und mit ihr kam die Eintönigkeit. Das Abwechslungsreiche der Koloniezone mit ihren in Orangenhainen eingebettet daliegenden Kolonistenhäusern, den mit Stacheldraht abgeschlossenen Poteiros, von zahmem, gut gepflegtem Vieh bevölkert, den Mais- und Maniokpflanzungen, wurde durch ein endlos sich hinziehendes, von leicht anschwellenden Hügelketten, den Cochilhas, hinziehendes Grasland abgelöst. In dieser endlosen Weite verlieren sich die meist an einem Bachlaufe liegenden, schmucklosen Steinhäuser; ein weißer Fleck im Graugrünen. Breitästige Figueiras umgeben sie wie schützende Riesen. Id. *ibid.*, p. 5.

desencadeando, com isso, cenas de ciúme, tentativas de homicídio e outros percalços. No fim, porém, a moça loira casa com o alemão - as afinidades culturais e lingüísticas haviam aproximado os dois jovens - e, com o casamento, a gleba da moça é juntada às terras que Krott ganha como pagamento de seus serviços de agrimensor, transformando-o em dono de uma estância, tal como sonhara ao imigrar para o Brasil.

*Die Haustrauung* (O enlace domiciliar) é a história de um caso pitoresco a ilustrar diferenças culturais no que diz respeito à importância das instituições civis e religiosas para pessoas de cultura alemã e de cultura brasileira, em que o "jeitinho" ocupa um lugar de realce. Esta narrativa evolui a partir do ponto de vista de um narrador onisciente que atua igualmente como personagem - um juiz de paz -, e que por vezes, também dá voz às demais figuras. Acostumado a fazer casamentos civis, mesmo entre os caboclos, é pego de surpresa com um caso que passa a narrar. Jójoca, filha mais velha de Chico, e neta de Zé Ferreiro, tinha ficado grávida de Florindo Antonio. O padre tinha-os casado, porque achava que seria melhor para a criança vir ao mundo dentro de um casamento cristão do que numa situação de mancebia, mas fizera-os prometer casarem-se no civil logo em seguida, para que não fosse acusado de casar menores de idade. Afinal, Jójoca tinha cerca de 14 anos e Florindo uns 16. Tendo Chico e Zé Ferreiro (pai e avô da noiva) ido ao cartório para tratarem do caso, diz-lhes o juiz que o casamento só será possível quando os noivos forem maiores. Para este não havia problemas: era só esperar e cumprir a lei. Todavia, para Chico e Zé, o casamento deveria ser realizado imediatamente. Zé Ferreiro entendia um pouco de leis e, portanto, sabia que um casamento feito apenas no religioso não tinha validade legal, o que permitia ao noivo abandoná-lo a qualquer momento, deixando a noiva desamparada.

Na aparência, [Zé Ferreiro] não tinha nada de caboclo. De espessa cabeleira branca e de barba, era, apesar dos seus 70 anos, uma figura imponente. Olhos azuis perscrutadores brilhavam no rosto envelhecido e queimado do sol. [...] Seu pai fora alemão e ferreiro. Servira, à época, num dos 'batalhões estrangeiros'. Depois da dissolução destes batalhões instalou-se nas terras que o governo imperial consignara aos soldados dispensados. Não tinha lembranças do pai. Por volta de 50 anos, quando rebentara a guerra do Paraguai, alistara-se como voluntário e por lá ficara. Zé herdara do pai o sangue inquieto de soldado. Mal tinha feito 18 já tomava parte na Revolução Federalista no Rio Grande. Quando esta fracassou, fugiu com muitos outros para as florestas infindas do Condestado. Aqui passou a vida. Entre os caboclos, foi chefe político. Nomeado comissário da secção Tigre, mantinha a ordem com severidade.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> - In seinem Äußeren hatte er nichts von einem Caboclo an sich. Mit seinem vollen weißen Haupthaar und seinen Vollbart war er, trotz seiner siebzig Jahre, eine imponierende Erscheinung. Blaue, durchdringende Augen leuchteten aus dem sonnenverbrannten, zerfälteten Gesicht. Wir kannten uns schon länger. Ein Hochwasser des Tigre hatte mich, auf einer Reise, einige Tage in seinem Hause festgehalten. Es mochte stimmen, was er mir damals am abendlichen Feuer erzählte. Sein Vater sei ein Deutscher gewesen und habe Schmidt geheißen. Er habe seinerzeit bei einem der "Batalhões estrangeiros" - Fremdebataillone - gedient. Nach der Auflösung der Bataillone habe er das Land bezogen, das die kaiserliche Regierung den entlassenen Soldaten überwies. An seinen Vater habe er keine Erinnerung. Als der Paraguaykrieg ausbrach, sei er, der über Fünfzigjährige, als Freiwilliger mitgegangen und dort geblieben. Das unruhige Soldatenblut hatte Zé von seinem Vater geerbt. Als kaum Achtzehnjähriger nahm er an der Federalistenrevolution in Rio Grande teil. Als diese nach einjährigen Kämpfen zusammenbrach, flüchtete er mit vielen anderen in die endlosen Wälder des Contestados. Hier

Mas havia mais problemas: os noivos nem sequer tinham registros de nascimento. Como achar uma solução para o caso? Tinha que se dar um jeito na situação:

Agora vamos dar um jeito, como se diz graciosamente em brasileiro.

Precisamos apenas de duas testemunhas que constatem que Florindo tem 18 anos e que Jojóca tem 16.<sup>5</sup>

As testemunhas foram arrumadas e juraram dizer a verdade. O jovem casal e as testemunhas deveriam, então, apresentar-se na vila para assinar os papéis e consumir a união. Zé Ferreiro, porém, queria que o juiz e o escrivão fossem até sua casa, a 3 dias de distância, para lá efetuarem o casamento. No meio de muitas idas e vindas, negociou-se, afinal, o casamento a domicílio. Como o escrivão ficou impossibilitado de viajar, foi necessário encontrar um substituto que acabou sendo o alemão Heinz Gerhardt, o qual, embora não fosse brasileiro, tinha o título de eleitor (numa época em que não havia muito controle). A viagem foi longa.

Até aqui tínhamos podido cavalgar pela estrada. Mas ela terminava no rio. O Passo da Morte, que já tinha feito algumas vítimas, deixava-se atravessar sem perigo, com a atual profundidade das águas. Depois vinha a subida da serra. Uma picada que se espichava do vale até o planalto numa serpentina infinita. Logo se percebia que ficava do lado que não pegava sol e que, durante o ano todo, nunca ficava seca. Uma cadeia sem fim de buracos profundos à altura do joelho....<sup>6</sup>

Chegados à casa de Zé Ferreiro, o local já estava em festa, com muitos convidados a quem serviam comida e muita bebida. Havia baile e o escrivão *ad hoc* também dançou e dançou com a moça que pertencia a um outro par - a um par caboclo. A briga, a tentativa de homicídio, que se seguiram, asseguram à narrativa uma ação com vários pontos de tensão e de relaxamento, a prenderem a atenção e o envolvimento do leitor. Ao final, tudo é resolvido, e Heinz Gerhardt acaba por arrumar um trabalho de agrimensurador, cujo pagamento é feito com terras. "Tão logo as demarcações estejam concluídas e eu tenha o título de posse das minhas terras, vou à Alemanha e trago minha noiva. Casaremos e então começarei a vida a sério."<sup>7</sup> Assim termina a narrativa.

*Das Opfer* (A vítima) é um texto também escrito por um narrador onisciente que, logo no começo, oferece uma imagem visual da colônia Brandt:

---

verbrachte er sein Leben. Unter den Caboclos war er der politische Chef. Zum Komissar der Sektion Tigre ernannt, hielt er auf strenge Ordnung. *Die Hausstrauung*, p. 2.

<sup>5</sup> - Agora vamos dar um jeito, wie es so schön im Brasilianischen heißt.

Wir brauchen nur zwei Zeugen, die bestätigen, daß Florindo achtzehn Jahre und Jojóca sechzehn Jahre alt ist. Id. *ibid.*, p. 1.

<sup>6</sup> - Bisher hatten wir noch auf der Straße reiten können. Am Fluß war sie zu Ende. Der Passo de Morte, der schon manches Opfer gefordert hatte, ließ sich bei dem Tiefstand des Wassers ohne Gefahr durchreiten. Nun kam der Aufstieg zur Serra. Eine Pikade, die sich in einer endlosen Serpentine vom Tale bis zur Hochebene hinzog. Es war sofort zu merken, daß sie an der Winterseite lag und das ganze Jahr hindurch nicht einmal trocken wurde. Eine endlose Kette von knietiefen Löchern... Id. *ibid.*, p. 4.

<sup>7</sup> - Sobald die Vermessung beendet und ich den Besitztitel über mein Land habe, fahre ich hinüber und hole meine Braut. Es wird geheiratet und dann beginnt der Ernst des Lebens.... Id. *ibid.*, p. 12.



Ali, onde a estrada em considerável ladeira, atinge o alto, fica a colônia Brandt. Encaixada no verde de um pomar de laranjeiras esparrama-se pesada e maciça a casa de habitação. Atrás, formando um quadrado aberto, o galpão do milho, o galpão do carro de bois e dos utensílios e os estábulos. Alemães, posteriormente imigrados, batizaram a colônia com o nome próprio do antigo dono - fazenda do Martin. Mas o nome de fazenda para designar colônia não encontrou receptividade entre os colonos. Parecia-lhes demasiado nobre, então, ficou colônia mesmo. Não muito longe da casa de habitação, rente à estrada, havia uma enorme nogueira carregada e, em baixo dela, um banco rústico de madeira. Dali tinha-se uma vista ampla das terras, das colinas e dos vales, até lá adiante, onde tudo se esfumava no horizonte longínquo numa linha escura. [...] Martin Brandt estava sentado sob a nogueira e entalhava zelosamente uma canga. De vez em quando, largava a navalha e olhava para a posição em que as suas abelhas se acomodavam. As colméias estavam colocadas em duas fileiras sobrepostas. O zunido animado das abelhas chegava até ele. Uma coleta rica parecia iminente, se o tempo não gorasse os planos feitos. Os pessegueiros, as ameixeiras e as laranjeiras estavam carregadinhas de flores. Fora hoje de manhã escutar as colméias e o zunido incomum em algumas fazia supor que as abelhas se preparavam para formar um enxame. Por isso, hoje, havia se sentado aqui, para estar a postos, quando um enxame deixasse o tronco. Baldes de água com mangueira e caixas de retenção estavam prontas para “aprisionar” o enxame.<sup>8</sup>

Na velhice, planejava passar o comando da colônia ao filho mais novo - Gottfried -, que deveria casar em breve. Afinal, não era possível levar a bom termo a manutenção de uma propriedade assim tão grande sem a presença de uma mulher. O filho mais velho - Heinrich - nunca mostrara interesse por esse tipo de trabalho. Entretanto, o sogro do filho mais jovem vem a falecer, pelo que este se vê na contingência de assumir a propriedade de que sua esposa é única herdeira. É assim que o filho varão de Brandt é chamado a ocupar o lugar destinado ao irmão. Heinrich, embora tivesse família constituída por 3 filhos e mulher, era muito irresponsável - não tinha profissão, apenas fazia dívidas com o jogo, com a bebida e com outros gastos exorbitantes; por onde passava, deixava estragos que o pai, por vergonha, costumava reparar a contra gosto. A maior parte da narrativa ocupa-se com os percalços da vida errática desta personagem num *crescendo* que culmina numa tragédia. Brandt passa a proteger a nora, Emma, e os

---

<sup>8</sup> - Dort, wo die Straße in beträchtlicher Steigung die Höhe erreicht, liegt die Brandtsche Kolonie. Im Grün eines Orangenhaines eingebettet, liegt breit und behäbig das massive Wohnhaus. Hinter ihm, ein offenes Viereck bildend, der Maisschuppen, der Wagen- und Geräteschuppen und die Ställe. Deutschländer, die später zugewandert waren, nannten die Kolonie nach dem Vornamen des Altbesitzers den Martinshof. Aber die Bezeichnung Hof für Kolonie bürgerte sich bei den Kolonisten nicht ein. Sie schien ihnen hoffärtig, es blieb bei der Kolonie.

Unweit des Wohnhauses, dicht an der Straße, stand ein weitausladender Nußbaum, unter ihm eine rohgezimmerte Bank. Von dort hatte man einen weiten Blick über das Land, die Höhen und die Täler, bis within, wo alles in eine dunkle Linie am fernen Horizont verschwamm [...] Martin Brandt saß unter dem Nußbaum und schnitzte eifrig an einem Ochsenjoch. Ab und zu ließ er das Schnitzmesser ruhen und sah nach dem Stand hinüber, der seine Bienen beherbergte. In zwei Reihen übereinander standen die Kästen. Das lebhaftes Summen der Bienen drang bis zu ihm hinüber. Eine reiche Tracht schien in Aussicht zu stehen, wenn das Wetter keinen Strich durch die Rechnung machte. Ueberreich hatten Pfirsich, Pflaumen und die Orangen geblüht. Heute morgen hatte er die Kästen abgehört und das ungewöhnliche Summen in einigen ließ vermuten, daß die Bienen sich zum Schwärmen vorbereiteten. Daher hatte er sich heute hierher gesetzt, um zur Stelle zu sein, wenn ein Schwarm den Stock verließ. Wassereimer mit Spritze und Einschlagkasten standen bereit, um den Schwarm zu “verhaften”. Reitz, Alfred - Das Opfer, p. 1.

netos que, embora trabalhem arduamente no cultivo da colônia, correm o risco de miséria iminente, pois Heinrich não pára de fazer dívidas. Esta situação mantém-se até o dia em que Heinrich tenta vender a colônia e o pai o expulsa de casa. Retruca-lhe o filho com uma chantagem: ateará fogo à casa, se os seus intentos não forem satisfeitos. Neste momento, o pai puxa de uma arma e atira no filho que cai morto. A polícia é chamada, mas ninguém ousa colocar culpa no velho e honrado Brandt. Enterrado o filho, o pai lança mão de todas as suas economias, para lhe pagar todas as dívidas, e passa a trabalhar outra vez com ardor, até que o neto Fridolin cresça e possa assumir o comando da casa, substituindo o pai e o avô.

Como antigamente, o velho Brandt agora trabalhava na lavoura de manhã cedo até ao cair da noite. Tem apenas o desejo de viver até que o Fridolin possa assumir os trabalhos. Às vezes, numa hora de sossego, pergunta-se de quem foi o sacrifício para que a colônia continuasse na família. De seu filho, que por isso morreu, ou dele, que carrega a vida como um pesado grilhão opressivo? Não é capaz de obter uma resposta.<sup>9</sup>

*Testa Branca, der Tropeiro* (Testa Branca, o tropeiro)<sup>10</sup> é um texto construído a partir de duas linhas de ação que vêm a constituir duas narrativas, uma que poderia chamar-se de encaixante e outra de encaixada. A narrativa encaixante trata do encontro entre o narrador e o seu interlocutor - o tropeiro. Este, em determinado ponto de encontro de tropeiros no planalto ocidental de Santo Catarina - numa venda -, motivado por identificação cultural, oferece-se para ajudar o eu-narrador na sua tarefa profissional, ou seja, na localização e identificação de posseiros ilegais de terras. O tropeiro logo percebe que o eu-narrador é alemão e a ele se dirige nessa língua. Descoberta a identidade línguística, logo um ambiente cordial entre os dois se estabelece, um ambiente que permite até o compartilhar do encanto oferecido pela paisagem:

Por sobre os pinheiros, que se evidenciavam negros contra o céu azul do crepúsculo, havia surgido a lua como um disco grande e luminoso. O campo ondulado espraiava-se diante de nós envolto em luz branco-azulada. Por sobre as árvores e os arbustos havia um fulgor prateado. O vento leve que nos aflagava, carregava um perfume forte, doce, quase entorpecente.<sup>11</sup>

De suas conversas, que dão formato à narrativa encaixante, fica-se a saber, por exemplo, que a emigração do tropeiro fora motivada por condições econômicas precárias na Europa. Diz o texto:

<sup>9</sup> - Wie früher arbeitete jetzt der alte Brandt, vom frühen Morgen bis in die sinkende Nacht, in der Wirtschaft mit. Er hat nur den einen Wunsch, solange noch zu leben, bis der Fridolin die Wirtschaft übernehmen kann. Manchmal in einer stillen Stunde fragt er sich, wer das Opfer hat bringen müssen, damit der Besitz der Familie erhalten blieb. Sein Sohn, der darum starb, oder er, der das Leben wie eine schwere, drückende Kette trägt? Er vermag keine Antwort darauf zu finden. Id. *ibid.* p. 7.

<sup>10</sup> - Consulte-se: Sousa, Celeste H. M. Ribeiro de - *A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948: temas*. São Paulo, FFLCH-USP, 1980, p. 12-17.

<sup>11</sup> - Ueber den von dem naechtlich blauen Himmel sich schwarz abhebenden Pinien war als eine grosse leuchtende Scheibe der Mond aufgegangen. Im blaueulich weissen Lichte dehnte sich der leicht gewellte Kamp vor uns aus. Ueber den Baeumen und Bueschen lag ein silbernes Leuchten. Der leichte Wind, der zu uns herueberstrich, trug einen schweren, suessen, fast betaeubenden Duft mit sich. Reitz, Alfred - *Testa Branca, der Tropeiro*. In: *Serra -Post Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1950, p. 2.

Lá depois da Grande Guerra, eu não tinha perspectiva de existência, nem sequer do pão de cada dia. Lá fora no mundo, diziam haver ainda espaço e pão. Assim escrevi a um colega de escola, que já emigrara antes da Guerra. Sua resposta prometia montanhas douradas. Mas, quando nós, minha mulher e eu, chegamos à terra da promessa, era bem diferente. O excelente lugar de engenheiro, que ele parecia encarecer, era na realidade um lugar de propagandista para uma companhia de colonização.<sup>12</sup>

Assim, não é apenas a situação econômica insatisfatória que induz à emigração de pessoas de cultura alemã para o Brasil; outros motivos impulsionam as levas emigratórias, uma delas é o sonho do Eldorado.

O desenvolvimento desta conversa leva à história do amor infeliz do tropeiro, exposta em *flash back* e configura a narrativa encaixada. Após um período difícil procurando emprego, Testa Branca (assim chamado em virtude da alvura de sua tez mantida protegida do sol pelo chapéu) encontra trabalho na construção de uma estrada. Sua esposa, contudo, habituada à vida urbana da época, não se adapta muito bem ao isolamento do interior do Brasil, ou seja, à sede dos trabalhos, de que o marido participa. Este fica o tempo todo fora e só vem a casa nos fins-de-semana. Porém, tudo parece ir bem, até que, ao exigir dos peões disciplina no trabalho, um de origem polonesa, um pouco bêbado de cachaça, lhe replica que se não fora o caso de sua mulher ser amante do diretor da obra, ele estaria no trabalho pesado e não em cargo de chefia. Testa Branca fica furioso, briga com o outro, mas a desconfiança toma conta dele, uma vez que começa a ligar a explosão do trabalhador com um certo relógio de ouro e diamantes que a mulher lhe mostrara como sendo um prêmio por ela ganhar numa loteria. Decidido a tirar a história a limpo, descobre realmente, que a mulher tornara-se amante do diretor e mais: que o diretor costumava conquistar mulheres de funcionários com roupas e jóias que trazia da cidade. Separaram-se e Testa Branca abandonou este trabalho vindo a tornar-se tropeiro. Vem a saber depois que a mulher não suportara a separação, deixara de ser amante do diretor e, vendo-se sem alternativas na vida, suicidara-se. O peão polonês, pivô de sua tragédia, ao saber também ele que a sua mulher dormia com o diretor, tomara outra atitude. Armado atirou nele. Embora não o tenha matado no ato, o ferimento acabou por causar-lhe a morte, o que encerra a narrativa encaixada. A ação da narrativa encaixante é praticamente nula, resumindo-se às conversas entre os dois interlocutores. Até a viagem que o eu-narrador deveria fazer até determinado local, ocupado por posseiros ilegais, o que representaria para ele um perigo de ataque, lhe foi poupada, pois o tropeiro lhe passou os nomes dessa gente. Esta narrativa termina com a exposição da angústia existencial, não resolvida, de Testa Branca: qual das atitudes é a certa perante a vida - a sua racional, ou a do outro, impulsiva?

---

<sup>12</sup> - Dort hatte ich nach dem grossen Kriege keine Aussicht auf eine Existenz, nicht einmal auf das tägliche Brot. Draussen in der Welt sollte es ja noch Raum und Brot geben. Also schrieb ich an einen Schulkameraden, der schon vor dem Krieg auswanderte. Seine Antwort verhies goldne Berge. Aber als wir, meine Frau und ich, im Lande der Verheissung ankamen, sah es doch anders aus. Die glaenzende Ingenieurstelle, die er angeblich bekleidete, war in Wirklichkeit eine Propagandistenstelle fuer eine Kolonisationsgesellschaft." Reitz, Alfred - Testa Branca, der Tropeiro. In: *Serra -Post Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1950, p. 3.

*Der Sohn der Sonne* (O filho do sol)<sup>13</sup> é um conto, narrado por um narrador onisciente que, embora apresente título e detalhes de enredo diferentes da *Iracema* de José de Alencar, a ela remete. Tal como *Iracema* de Alencar, que é uma versão poética de uma lenda a simbolizar "o encontro da raça branca com a indígena, de que proveio a civilização brasileira"<sup>14</sup>, também *Der Sohn der Sonne* conta a história de um branco, o filho do sol, o herói nesta narrativa, que chega às praias brasileiras e é visto por Iracema, a virgem responsável pelo segredo e pelo ritual da jurema. Chamaram-no assim por causa de sua aparência física: "O cabelo parecia tecido com os raios do sol, a pele era alva como a luz da lua cheia."<sup>15</sup> Este filho do sol e Iracema acabam por se apaixonar e, mais tarde, têm um filho, que vem a ser o primeiro brasileiro: um menino de cor clara, como o pai. Entretanto, os detalhes que envolvem as linhas principais da história contada por Alencar e, sobretudo, a maneira pela qual são manuseadas, determinam as profundas diferenças entre o texto deste autor e o de Alfred Reitz. Reitz introduz a narrativa da lenda fundante da identidade brasileira através de pequena dissertação sobre os descobrimentos portugueses, porque está interessado, acima de tudo, em prover o seu leitor de língua alemã de informações sobre a cultura da nova pátria.<sup>16</sup> Nesta narrativa, ao invés de perder-se nas matas brasileiras, como em *Iracema*, o branco estrangeiro aporta a uma praia brasileira como único sobrevivente de um naufrágio no mar. Em vez de ser ferido por Iracema, o estrangeiro já chega machucado em virtude da tempestade marítima que o fez naufrago. Em ambas as narrativas, no entanto, o ferido é levado à aldeia indígena: em *Iracema* é conduzido pela virgem dos lábios de mel; em *Der Sohn der Sonne* são os índios da tribo que, avisados pela moça, o transportam. Nas duas narrativas, o branco é bem-vindo à comunidade aborígine. Logo que se recupera, o branco de *Der Sohn der Sonne* aprende a viver com os silvícolas, ao passo que em *Iracema*, Martim já vivia há algum tempo entre os índios pitiguara, inimigos dos tabajara a que Iracema pertence. Em ambas as narrativas, durante o tempo em que o branco fica aos cuidados de Iracema, nasce o amor entre ambos. Em *Iracema* este amor é nublado pelo ciúme de Irapuã, chefe guerreiro. Em *Der Sohn der Sonne*, o ciúme parte do filho do feiticeiro. O conflito amoroso ocupa, na obra de Alencar, alguns capítulos que narram as perseguições e lutas de Irapuã contra Martim, bem como a fuga de Iracema com o seu bem-amado. Em *Der Sohn der Sonne*, a solução do problema é simples. O filho do feiticeiro, ao constatar o afeto de Iracema pelo branco, procura seu pai, para que este resolva a situação através da magia. Quando as índias viúvas são oferecidas ao estrangeiro, para que este as proteja junto com os filhos, e Iracema rechaça o cumprimento desse costume tribal, argumentando que o branco é um enviado do deus Tupã, o feiticeiro ordena que, então, se realize a caça à onça preta, a fim de que fique provada a identidade e a proveniência do estrangeiro. Se conseguir matar o feroz animal, será considerado mensageiro de Tupã. O branco, ajudado por outros índios, forja a própria arma que levará para a caça ao invencível animal e, um dia, parte. Dias depois, voltam os índios com a pele da onça e, um ano mais tarde, Iracema é vista embalando nos braços um bebê - o primeiro brasileiro.

<sup>13</sup> Consulte-se: Sousa, Celeste H. M. Ribeiro de - *A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948: temas*. São Paulo, FFLCH-USP, 1980, p.72-76.

<sup>14</sup> - Candido, Antonio & Castello, J. Aderaldo - *Presença da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, vol. I, p. 339.

<sup>15</sup> - "Aus den Strahlen der Sonne schien sein Haar gesponnen, seine Haut war Klar wie das Licht des vollen Mondes." *Der Sohn der Sonne*, p. 1.

<sup>16</sup> - Sobre este conceito de "pátria", leia-se: Seyferth, Giralda - *Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

O desenlace da história de amor em Alencar é trágico, como se sabe, em Reitz, não. *Der Sohn der Sonne* inicia a ação no momento em que Iracema avista o barco. Esta ação flui serenamente, sem maiores tensões, os acontecimentos chegam ao leitor de forma distanciada. O único incidente é configurado pelo ciúme do filho do feiticeiro. Trata-se, porém, de um breve desentendimento, uma vez que, depois da caçada, ninguém mais oferece resistência à decisão de Iracema em unir-se ao filho do sol. Pela ação, no entanto, o leitor é informado sobre os usos e costumes indígenas, por exemplo, sobre a tradição do aproveitamento das carcaças das tartarugas como recipientes, ou das ervas selvagens para fazer remédios e elixires, ou sobre a comunicação feita através do uso de tambores (improvável no caso brasileiro), ou sobre a crença na origem divina do chefe da tribo, ou sobre o casamento das viúvas, para a manutenção da ordem familiar, ou sobre o ritual da caçada à onça preta para determinar a identidade de estrangeiros. O cenário é bastante restrito: há uma referência à floresta, perto da praia, onde se encontra a aldeia dos índios, e esta referência é enformada numa sinédoque ilustrada por uma mamuraana, que volta a aparecer no final do texto, coberta de flores, anunciando bons augúrios ao jovem primeiro brasileiro de cor clara, à semelhança do pai corajoso e valente.

"Um ano depois, estava Iracema debaixo da mamuraana coberta de flores e embalava em seus braços um rapaz de cor clara: o primeiro brasileiro."<sup>17</sup> Assim termina o conto.

*Die Rache der Lacraia* (A vingança da lacraia)<sup>18</sup> é uma narrativa, contada por um narrador onisciente, que enfoca um caso de superstição. Dois caçadores de cobras, de língua alemã, um dia, em plena selva, chegam ao entardecer a um lago:

Um calor sufocante, que fazia o suor brotar de todos os poros, fez com que os dois cavaleiros abrissem as camisas de couro. Seguiam por uma picada que mal se distinguia, confiando apenas no instinto dos animais, para não se desviarem do caminho. Em torno deles o crepúsculo pálido, cinza-esverdeado da floresta. Dois animais de carga, carregados de pesados sacos de couro, que pendiam de ambos os lados, seguiam-nos a curta distância. Aqui, no coração destas plagas, era preciso ter roupas de couro adequadas, e mesmo estas, assim resistentes, logo seriam rasgadas em pedaços pelos arbustos espinhentos que ladeavam a trilha. A floresta ficou mais rala, um bocado de céu azul profundo ficou visível e este azul refletia-se numa água escura.<sup>19</sup>

De repente, um deles, Norberto, o mais jovem, vislumbra um vulto nas águas e chama a atenção de Henrique, o companheiro, para o que ele acredita ser um cisne negro. Este,

<sup>17</sup> - "Ein Jahr spaeter sass Iracema unter dem bluetenbedeckten Mamauranabaume und wiegte in ihren Armen einen hellfarbenden Knaben: den ersten Brasilianer." *Der Sohn der Sonne*, p. 3.

<sup>18</sup> Consulte-se: Sousa, Celeste H. M. Ribeiro de - *A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948: temas*. São Paulo, FFLCH-USP, 1980, p. 83-84.

<sup>19</sup> Eine drueckende Hitze, die den Schweiss aus allen Poren trieb, liess die beiden Reiter die Lederhemden oeffnen. Auf einem kaum sichtbaren Pfade zogen sie dahin, sich lediglich auf den Instinkt der Tiere verlassend, dass sie nicht vom Pfade abwichen. Um sie herum die fahle grau-gruene Dämmerung des Urwaldes. Zwei Packtiere, denen an den Seiten grosse Ledertaschen schwer bepackt herabgingen, folgten ihnen in kurzer Entfernung. Hier, tief im Inneren des Landes war es noetig Lederkleidung zu tragen, jedes, auch noch so feste Zeug wuerde von den Dornbueschen, die den Pfad umsaeumten, bald in Fetzen gerissen sein. Der Wald lichtete sich, ein Stueck tiefblauer Himmel wurde sichtbar, und dieses Blau spiegelte sich in einem dunklen Wasser. *Die Rache der Lacraia*, p.1.

mais velho e mais experiente, corrige-o, assegurando-lhe que se trata de uma "taya", a cobra negra, e que isso é um mau presságio, segundo acreditam os caboclos. A visão de uma "taya" sempre traz desgraça. Desdenhando da superstição dos caboclos, Norberto puxa a arma, atira no animal e mata-o. Extrai-lhe a pele e prepara-a para a curtição. Henrique não é tão descrente, ao contrário, parece respeitar bastante essa superstição e mantém-se bastante cauteloso durante o prosseguimento da caçada. Norberto não dá ouvidos a nenhuma das recomendações do companheiro para que preste bem atenção a tudo o que o rodeia. Norberto apanha uma outra cobra, arranca-lhe a pele, prepara-a também para a curtição e guarda-a num saco. Chegada a noite, armam uma tenda para dormir. Henrique redobra os cuidados com a vedação da barraca e fica alerta. Logo ouvem o rastejar de um casal de répteis nas proximidades. Henrique, prudente, alerta o amigo sobre a temeridade de enfrentar duas cobras acasaladas. Mesmo que consiga caçar uma delas, dificilmente capturará a outra, que ficará rondando o lugar da morte da companheira e perseguirá o caçador. Para Norberto, todas estas admoestações não passam de exageros de Henrique. Sai da tenda no encalço das cobras e mata uma delas que é uma bela lacraia de ouro, como a chamam os caboclos. Os avisos de Henrique, porém, mostram-se muito pertinentes. No meio da noite, este percebe que há um réptil tentando forçar a barraca e avisa Norberto que, audaciosamente, sai para pegar o animal. Este, porém, foge. E nesta busca, Norberto afasta-se. A certa altura, Henrique ouve o chamado aflito do amigo, segue para lá e, ao aproximar-se, depara-se com a cena terrível: Norberto está encostado a uma árvore com a cobra enrolada a uma perna que já picara na altura da coxa. Henrique mata-a, mas não é mais possível salvar a vida de Norberto que, sucumbe, assim, à maldição.

Em paralelo às publicações de autoria de Alfred Reitz, saem publicados nos mesmos *Kalender* outros textos e, entre eles, é importante salientar as obras de autores de língua alemã, que deveriam ancorar e ajudar a preservar a cultura natal dos leitores (de idioma alemão), bem como as traduções de obras da literatura brasileira, por vezes, da portuguesa, que deveriam abrir as portas à cultura local e constituir suporte à construção da ponte com a nova pátria. Tais textos oferecem grande potencial de pesquisa.

Assim, entre as referências a autores de língua alemã, pode-se ler: "Goethe und wir". Trata-se de um texto escrito por Charlotte Wollermann Fischer sobre o grande poeta alemão, em que são inseridos vários de seus poemas e trechos de algumas de suas cartas. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 60-73).

A par de produções da literatura alemã, também se encontram produções de escritores brasileiros (e também portugueses) traduzidas, como por exemplo, de:

Álvaro Rodrigues Leitão com „An ein junges Mädchen“ (Senhorita). Trata-se de uma poesia traduzida por Martin Fischer. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 154-155).

Antônio Gonçalves Dias com „In der Fremde“ (Canção do exílio). Trata-se do célebre poema brasileiro traduzido por Hellmut Culmann. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 88-89).

Casimiro de Abreu com „Eine Geschichte“ (Uma história). Trata-se de um poema sobre a rosa desfolhada pelo vento norte, vertido para a língua alemã por autor anônimo. O poeta brasileiro é introduzido por um texto em prosa com alguns dados biográficos, que o declaram o poeta mais querido do Brasil, o bardo da saudade, do exílio, do amor, do

despertar da primavera, que morreu aos 23 anos. (*Serra-Post-Kalender*, 1941, p. 110). Casimiro de Abreu aparece ainda com o poema „Gott!“ (Deus!), traduzido por Martin Fischer. (*Serra-Post-Kalender*, 1953, p. 62).

Catulo da Paixão Cearense com „As três lágrimas“, título mantido na tradução. Trata-se, no entanto, de apenas dois trechos do poema, transcritos em português e inseridos na narrativa em língua alemã *Sanatorium São Sebastião* de J. B. Doetzer Jr. (*Kalender für die Deutschen in Brasilien*, 1938, p. 261). Catulo da Paixão Cearense surge ainda com „Der König und der Bauer“ (O rei e o semeador). Trata-se de uma poesia extraída de suas *Fábulas e alegorias*, traduzida por Martin Fischer, que redige igualmente uma apresentação do poeta brasileiro em que o coloca como o mais popular e criativo da época. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 53-54).

Érico Veríssimo com „Meines Sohnes Hände“ (As mãos de meu filho). Trata-se de uma narrativa do autor vertida para o alemão por Charlotte Wollermann Fischer. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 114-121).

Ernesto Vinhaes com „Tragödie im Urwald“ (Tragédia na floresta virgem). Trata-se de um trecho do livro *Aventuras de um reporter na Amazônia*, traduzido por Charlotte Wollermann Fischer. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 156-161).

Gonçalves Crespo, poeta brasileiro-português, com o poema “Alguem. Ein Wesen lebt...” (Para alguém sou o lírio entre os abrolhos), em homenagem à mãe, vertido para o alemão por Margarete Kühne (*Kalender für die Deutschen in Brasilien*, 1937, p. 85).

Hamilcar Garcia com „Die Geschichte von einem Holzbein“ (A história de um perna-de-pau). Trata-se de um trecho da obra *O rei do mundo*, traduzido por Martin Fischer. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 141).

Lauro Rodrigues com „Dämmerung“ (Crepúsculo). Trata-se de um poema extraído do livro *Minuano – poemas gauchescos*, traduzido por autor anônimo. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 106-107).

Luís de Camões com „Nicht eitler Rum, noch gleissend Gold“ (Porque essas honras vão, esse ouro puro?). Trata-se de um pequeno trecho de *Os Lusíadas* (canto IX,93), traduzidos para o alemão por autor anônimo. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 40).

Machado de Assis com „Wer eine Geschichte erzählt...“ (Quem conta um conto...). Trata-se de uma narrativa traduzida por Martin Fischer. (*Serra-Post-Kalender*, 1953, p. 97-119).

Monteiro Lobato com „Die Flickerdecke“ (A colcha de retalhos). Trata-se de um trecho da obra *Urupês*, traduzido por Martin Fischer, que também faz a apresentação do escritor. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 97-105).

Olavo Bilac com „Lied“ (Canção). Trata-se de um poema traduzido por Martin Fischer. (*Serra-Post-Kalender*, 1953, p. 230).

Padre Pedro Luiz (de Ijuí) com „Das Gerücht“ e „Die Verleumdung“ (O boato) e (A calúnia). Trata-se de dois sonetos traduzidos para a língua alemã por Charlotte Wollermann Fischer. (*Serra-Post-Kalender*, 1949, p. 142-143).

Vilmar Campos Bindé com „Drei Blumen“ (Três flores). Trata-se de um poema traduzido por Charlotte Wollermann Fischer. (*Serra-Post-Kalender*, 1953, p. 136). Vilmar Campos Bindé aparece ainda com „Viehtreiben am Himmel“ (Rodeio no céu). Trata-se de um outro poema igualmente traduzido por Charlotte Wollermann Fischer. (*Serra-Post-Kalender*, 1953, p. 228).

Não deixa de ser interessante, porém, observar que Alfred Reitz publica entre os anos de 1937 e 1953 e que estes anos são designados na Alemanha por vários títulos e, no Brasil, pelo movimento Modernista em toda a sua extensão.

Trata-se de um período que, na Alemanha, conhece movimentos literários, tais como: “A literatura do exílio - 1933-1945” (Bertolt Brecht, Thomas e Heinrich Mann, Anna Seghers, Hermann Hesse, Franz Werfel, Stefan Zweig, Alfred Döblin, Carl Zuckmeyer, Ulrich Becher), “A literatura da imigração interior - 1933-1945” (Gertrud Von Le Fort, Elisabeth Langgässer, Oskar Loerke, Wilhelm Lehmann) e “A literatura nazista propriamente dita” durante os anos da ditadura de Hitler - 1933-1945 (Agnes Miegel, Joseph Ponten, Emil Strauß, Hans Friedrich Blunck); “A literatura de escombros”, logo a seguir ao término da 2ª Grande Guerra (Wolfgang Borchert, Günther Eich, o “Grupo 47”) e a “Literatura da década de 50” (Heinrich Böll, Alfred Andersch, Günter Grass, Marie Luise Kaschnitz, Paul Celan, Hans Magnus Enzensberger, Rose Ausländer, Ingeborg Bachmann, Eugen Gomringer, Siegfried Lenz Wolfgang Koeppen, Ernst Jünger, Max Frisch, Uwe Johnson).

No Brasil, escrevem os modernistas Carlos Drummond de Andrade, Mário e Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Murilo Mendes, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa.